

ANDAR A PÉ

Henry David Thoreau

1817-1862

DESEJO dizer uma palavra em nome da natureza, em nome da liberdade absoluta, em nome da amplidão, que contrastam com a liberdade e a cultura das cidades — no sentido de considerar o homem como um habitante da natureza, ou parte e parcela dela, e não como um elemento da sociedade. Desejo fazer uma exposição vasta e, se puder, a farei enfática, pois existem muitíssimos campeões da civilização. Não só o ministro e as congregações das escolas mas todos vós a tomareis em consideração.

Em todo o decurso da minha vida só encontrei uma ou duas pessoas que compreendiam a arte de andar, isto é, de dar passeios a pé — que tinham o gênio, por assim dizer, do “sauntering”, palavra esplendidamente derivada de “pessoas vadias que erravam pelo país, na Idade Média, e pediam esmola sob o pretexto de irem à *la Sainte Terre*” à Terra Santa, até as crianças exclamarem “Lá vai um *Sainte-Terrer*”, um “Saunterer”, um da

Terra Santa. Os que nunca vão à Terra Santa nas suas peregrinações, como pretendem, são, em verdade, meros vadios e vagabundos; mas os que lá vão ter são “saunterers”, no bom sentido que tenho em vista. É certo que alguns derivariam a palavra de *sans terre*, sem terra ou pátria, o que, portanto, no bom sentido, significará — não tendo pátria determinada, mas igualmente tendo sua pátria em toda parte. Pois este é o segredo do vitorioso “sauntering”. Os que se deixam permanecer em casa, quietos, sempre e sempre, podem ser os maiores errantes de todos; mas o “saunterer”, no bom sentido, não é mais errante do que o rio sinuoso, cujo propósito contínuo é encontrar o caminho mais curto para o mar. Prefiro a primeira como sendo a derivação mais provável pois toda caminhada é uma espécie de cruzada que nos foi pregada por algum Pedro, o Eremita, para avançarmos reconquistarmos esta Terra Santa das mãos dos infiéis.

É exato que não passamos de cruzados acovardados, inclusive os andarilhos hodiernos, que não perseveram e nunca terminam suas empresas. Nossas expedições não passam de giros e regressamos à noitinha para o pé da velha lareira da qual nos apartáramos. Metade da jornada é para trilhar os caminhos já percorridos. Devíamos, andando menos, percorrer maior distância, e talvez, no espírito imortal da aventura, nunca mais regressarmos, preparados

para devolver os nossos corações embalsamados, como relíquias aos nossos desolados domínios. Se estais pronto para deixar pai e mãe, irmão e irmã, esposa e filho, e amigos, e a nunca mais vê-los — se haveis saldado vossas dívidas, feito vosso testamento, deixado em ordem os negócios e se sois um homem livre, então estais pronto para uma caminhada.

Para reportar-me à minha experiência própria, meu companheiro e eu — pois que às vezes tenho companheiro — nos divertimos em nos imaginar dignitários de uma nova, ou melhor, de uma velha ordem — que não é a dos Eqüestres ou Cavaleiros, nem a dos Ritters, mas a dos Andarilhos, uma classe ainda mais antiga e honorável, espero. O espirito cavaleriano e heróico que outrora pertenceu ao Cavaleiro parece residir agora no Andarilho, ou dele partilhar — não o Cavaleiro, mas o Andarilho Errante. É uma espécie de quarto estado, afóra a Igreja, o Estado e o Povo.

Sentimos que aqui nas cercanias quase só nós praticamos esta nobre arte, muito embora, para usar de franqueza, a maioria dos cidadãos, a julgar pelo que afirmam, gostariam de, como faço, caminhar de vez em quando, mas não podem. Nenhuma fortuna é capaz de comprar os requisitos lazer, liberdade e independência, que são essenciais nesta profissão. Só decorrem da

graça de Deus. Para tornar-se andarilho é mister uma dispensa direta dos Céus. É preciso que pertençais à família dos Andarilhos. *Ambulatur nascitur, non fit*. Vários dos meus cidadãos, é certo, podem lembrar-se de algumas caminhadas que me descrevem e que fizeram há dez anos e nas quais tiveram a felicidade de se perderem na floresta, durante apenas meia hora. Mas sei muito bem que se bitolaram sempre na estrada real, apesar do que possam afetar de desejo de pertencer a esta classe de escol. Não há dúvida de que se entusiasmaram por um momento pelas reminiscências atávicas, quando até eles eram habitantes das florestas e contraventores.

Quando ele entrou na floresta verde
Numa manhã jovial
Aí ouviu o gorjeio suave
Dos felizes pássaros cantando.

De há muito, disse Robin,
Aqui estive pela última vez
Detenho-me um pouco para atirar
Na corça fugitiva.

Acho que não posso conservar a saúde e o espírito sem passar no mínimo quatro horas por dia — e o comum é passar mais do que isso — sauntering pelas matas, colinas e campos, absolutamente isento de todas as obrigações mundanas. Quando às vezes me recordo de que os mecânicos e os caixeiros permanecem em seus postos não apenas toda a manhã, mas toda a

tarde também, muitos dos quais de pernas cruzadas — como se as pernas tivessem sido feitas para sobre elas nos sentarmos e não para sobre elas, ficarmos de pé e caminharmos — julgo-os merecedores de louvor por não terem todos, de há muito, praticado o suicídio.

Eu que não posso ficar em casa um único dia que não tenha algum emperro e quando, às vezes, dava uma escapula para um passeio à última hora, ou seja, às quatro da tarde, hora demasiado tardia para redimir o dia, quando as sombras da noite já começavam a mesclar-se com a luz do dia, sentia-me como se houvesse cometido um pecado à cuja expiação devia sujeitar-me — confesso que me estarrece a capacidade de resistência, para nada falar da insensibilidade moral, dos meus vizinhos, que se confinam em lojas e escritórios o dia inteiro e isso durante semanas, meses e anos sim, quase seguidos. Não conheço a qualidade do estofado de que são feitos — pregados lá às três da tarde, como se fossem três horas da madrugada. Bonaparte pode falar da coragem das três horas da madrugada, que nada é diante da coragem que pode sentar-se folgadoamente a toda essa hora da tarde, em frente a alguém que se viu, toda a manhã, matar de fome uma guarnição a que nos prendem fortes laços afetivos. Espanta-me o fato de que por essa hora, seja entre as quatro e cinco da tarde, demasiado tardia para os jornais matutinos e

muito cedo para os vespertinos, não haja uma explosão generalizada, que se faça ouvir de ponta a ponta da rua e que arremesse aos quatro cantos toda uma série de concepções antigas de vida e de manias, de modo que, refrescando-se, o mal possa curar-se.

Como podem as mulheres, que permanecem em casa muito mais que os homens, tolerar tal situação, eu ignoro. Mas possuo fundamentos para conjecturar que a maioria não a tolera de modo algum. Quando numa tarde de começo do verão nos detivemos para bater o pó da barra dos nossos casacos, diante daquelas casas de frontispícios genuinamente dóricos ou góticos e que sugerem um ar de abandono, o meu companheiro sussurrou que a essas horas os moradores já estariam todos deitados. É então que eu aprecio a beleza e a glória da arquitetura, que nunca se recolhe, mas que está sempre do lado de fora, erguida, montando guarda aos que dormem.

É certo que o temperamento e, sobretudo, a idade muito influem no assunto. À medida que um homem envelhece aumenta sua capacidade de levar uma vida sedentária, trabalhando em casa. Torna-se vespertino em seus hábitos quando se vai aproximando a noite da vida, até que, finalmente, só sai de casa pouco antes do

pôr do sol e, em meia hora, dá todas as voltas de que necessita.

Mas o andar de que falo eu, nada tem que ver com exercício, nem a isso se destina; não é como o remédio que os doentes tomam a determinadas horas, nem como os halteres para o desenvolvimento muscular. É antes o motivo e a aventura do dia. Se quiserdes exercícios, procurai as fontes de vida. Imaginai um homem levantando halteres para cultivar saúde, quando as fontes dela estão borbulhando nos prados longínquos desprezados por ele!

Sobretudo, deveis caminhar como um camelo o qual, ao que sabemos, é o único animal capaz de ruminar em marcha. Quando um viajante pediu à criada de Wordsworth para mostrar-lhe os estudos do amo, ela retrucou: “Eis aqui sua biblioteca, mas os estudos, ele os faz na rua.”

Viver muito ao ar livre, no sol e no vento, não gera, de modo algum, certa aspereza de caráter, mas sim uma cutícula mais espessa que cobre as mais belas qualidades da nossa natureza, como no rosto e nas mãos, ou como um rigoroso trabalho manual retira às mãos um pouco da delicadeza de tato. Portanto, permanecer em casa, pode, por seu turno, produzir um aveludamento e lisura, para não dizer finura da pele, acompanhado de uma sensibilidade mais

apurada a certas impressões. Talvez fôssemos mais susceptíveis a algumas influências importantes para o nosso desenvolvimento intelectual e moral se o sol nos tivesse queimado menos e menos nos tivesse batido o vento. E, com efeito, é conveniente tratar adequadamente a pele grossa e a pele fina. Mas parece-me que se trata de uma crosta que se remove com a maior facilidade — que o remédio natural encontra-se na relação que existe entre a noite e o dia, o inverno e o verão, o pensamento e a experiência. Quando maior a dose de ar e de luz solar em nossos pensamentos, tanto melhor. As mãos calosas do operário mais condizem com os tecidos finos do respeito próprio e do heroísmo, cujo toque emociona o coração, do que os dedos lânguidos da ociosidade. É pura sentimentalidade a de quem se deita de dia e se julga alvo, isento do breu e do calor da experiência.

Quando andamos, naturalmente vamos aos campos e às florestas. Que seria de nós se só andássemos no jardim ou nas avenidas? Até algumas seitas de filósofos sentiram necessidade de fazer vir a si as florestas, já que a elas não podiam ir. “Plantavam arvoredos e aléias de plátanos” onde hauriam *subdiales ambulationes* em pórticos abertos ao ar. Sem dúvida, de nada vale dirigir para as florestas os nossos passos, se eles não nos levam até lá. Fico alarmado quando me acontece caminhar uma milha nas matas,

apenas corporeamente, sem lá estar em espírito. No meu passeio vespertino, gosto de olvidar inteiramente as ocupações da manhã e minhas obrigações sociais. Mas às vezes acontece que não posso me livrar facilmente da cidade. A cabeça se me povoa de pensamentos referentes a algum negócio e o espírito está, assim, ausente de onde se encontra o corpo. Tenho longe o sentido. Gosto de, nos meus passeios, ter comigo o sentido. Que irei fazer nas florestas, se penso noutra coisa estranha às florestas? Condeno-me e não posso evitar um estremecimento quando me acho assim abstraído, mesmo sendo o móvel da abstração o mais nobre, o que, de fato, às vezes acontece.

A minha vizinhança proporciona passeios magníficos e, posto que eu a tenha por tantos anos percorrido quase diuturnamente e às vezes percorrido vários dias consecutivos, não posso afirmar tê-la palmilhado toda. Uma perspectiva inteiramente nova é uma grande ventura, e tal sensação ainda experimento em qualquer tarde. Bastam duas ou três horas de caminhada para que me encontre numa região tão estranha como as que sempre gosto de visitar. Uma simples casa de campo que ainda não se me deparara é as vezes tão notável como os domínios do rei de Dahomey. Há realmente uma espécie de harmonia visível entre os limites de um panorama inscrito num círculo de raio de dez mihas, sejam os limites de uma caminhada à tarde, e os

setenta anos da vida humana. Nunca vos será completamente conhecido.

Atualmente quase todos os pretensos progressos do homem, tais como a construção de casas, e a derrubada de florestas e de todas as árvores de grande porte, deformam simplesmente outro panorama e fá-lo cada vez mais inexpressivo e vulgar. Ah! um povo que iniciasse a destruição dos marcos e deixasse intatas as florestas! Eu vi os marcos meio queimados, seus tocos perdidos no meio do prado e certo miserável mundano cuidando dos seus limites como administrador, enquanto que o céu havia baixado até ele, que não percebia a movimentação graciosa dos anjos em torno, mas procurava um velho buraco no meio do paraíso. Encarei novamente e vi-o de pé em meio dum paul infernal cercado de demônios, e havia encontrado seus limites exatos, três pequenas pedras onde haviam fixado uma estaca. Olhando melhor, vi que o Príncipe das Trevas era o administrador. Sou capaz de andar facilmente dez, quinze, vinte, qualquer número de milhas, começando da minha porta sem parar em qualquer casa, sem atravessar uma estrada exceto nos trechos em que as próprias raposas e doninhas são obrigadas a fazê-lo: primeiro pelas margens do rio, depois as margens do riacho, depois pelo campo e pelas bordas da floresta. Há milhas quadradas na minha vizinhança, completamente desabitadas.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

